

Na machamba e no morro: a perspectiva da mulher em diferentes territórios

Viviane de Moura Sousa¹

Karla Menezes Lopes Niels²

RESUMO

No contexto de uso da língua portuguesa em diferentes territórios como expressão de pertencimento e de reforçar a identidade cultural e social, a literatura moçambicana, de Luís Bernardo Honwana, e a brasileira, de João Anzanello Carrascoza, enxergam de modo sensível uma sociedade marcada pela desigualdade e pela existência desdenhada de mulheres renegadas pelo patriarcado, pelo racismo e pelo machismo estrutural. Neste viés cabe propor aos estudantes oportunidades de análise literária e de experiências de leitura por meio de oficinas que permitem vivências com os textos literários *Dina*, de Honwana; e *No Morro*, de Carrascoza. É um momento proveitoso para propor aos alunos um diálogo incessante com os contos, aproximando-os da atmosfera narrativa de cada história, para tornar perceptível a intenção do texto por meio das personagens femininas, com a intenção de refletir a identidade da mulher e analisar a sua situação nestes territórios, bem como discutir de forma crítica sua condição na realidade social dos alunos.

Palavras-chave: Leitura; mediação; identidade; mulher; sociedade.

ABSTRACT

In the context of the use of the Portuguese language in different territories as an expression of belonging and to reinforce cultural and social identity, the Mozambican literature, by Luís Bernardo Honwana, and the Brazilian one, by João Anzanello Carrascoza, sensitively see a society marked by inequality and by the disdained existence of women disowned by patriarchy,

¹ Licenciada em português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora das redes estadual e municipal de ensino em São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5962-8933> E-mail: sousaviviane1404@gmail.com.

² Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestra e licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora substituta no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), professora docente I na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) e Coordenadora de Teoria da Literatura I no curso de Letras do Consórcio CEDERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9241571154601781> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3647-2427>. E-mail: karla.niels@gmail.com



racism and structural machismo. In this bias, it is up to offer students opportunities for literary analysis and reading experiences through workshops that allow experiences with the literary texts *Dina*, by Honwana; and *On the Hill*, by Carrascoza. It is a profitable moment to propose to the students an incessant dialogue with the stories, bringing them closer to the narrative atmosphere of each story, to make the intention of the text perceptible through the female characters, with the intention of reflecting the identity of the woman and analyzing the their situation in these territories, as well as critically discussing their condition in the social reality of the students.

Key Words: Reading; mediation; identity; women; society.

1. Introdução

O desenvolvimento da leitura como prática social em sala de aula é essencial para propiciar aos estudantes momentos diversificados com o texto literário, valorizando a integração dos leitores a partir de seus conhecimentos e experiências resultantes da interação texto-autor-leitor.

A mediação por meio de oficinas de leitura é um instrumento valioso para construir novos olhares para as histórias e seus protagonistas. É um momento profícuo para o aprofundamento do protagonismo feminino nos contos *Dina* e *No Morro*, respectivamente do moçambicano Luís Bernardo Honwana e do brasileiro João Anzanello Carrascoza.

A oficina literária *Na machamba e no morro, a perspectiva da mulher em diferentes territórios* será organizada semanalmente durante 90 minutos, num período de um mês, com duas turmas de 9º ano. Seu objetivo principal é mediar a leitura desses textos e propor reflexões sobre as vivências das personagens em territórios distintos, Moçambique e Brasil, e analisar o papel da mulher na sociedade brasileira atual. Cabe aqui traçar um paralelo com a situação vivida por Maria, no conto *Dina*, e pela mãe do morro, que não tem um nome próprio, mas pode representar tantas mulheres mães esquecidas nas periferias deste país. É o momento em que segundo Machado:



[...] a leitura de literatura nos dá uma estupenda oportunidade de estar na pele dos outros [...] nos dá algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social. [...] também permite perceber quanto, no fundo, nós somos semelhantes e irmãos, nos mais diversos contextos culturais e históricos. (2011, p. 27).

O percurso formativo do ensino de literaturas de língua portuguesa permite construir novos saberes que entrelaçam culturas tão diversificadas como as de Portugal, Moçambique e Brasil. Por isso, o ensejo de fomentar na escola o estudo da literatura africana em paralelo com a brasileira e trazer à tona a importância da lei nº 10. 639/2003 (BRASIL, 2003), alterada pela lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Embora a legislação já tenha mais de uma década ainda há muito o que avançar com a prática de leitura de textos literários africanos em sala de aula.

Essa é a oportunidade de estabelecer um vínculo com as literaturas de língua portuguesa por intermédio da mediação de leitura de textos africanos que propiciam um paralelo com a realidade brasileira, com ênfase na figura da mulher, ao ressaltar as personagens que protagonizam situações difíceis, humilhantes; e constituir um olhar crítico dos alunos para o que já avançou em relação a condição social da mulher e o que tem a melhorar.

A oficina literária é um momento essencial que permite aos estudantes examinar em suas experiências cotidianas, seja na família, na escola ou no seu bairro, a realidade da mulher, ao fazer uma análise comparativa entre a condição social da personagem Maria que submetida ao poder do branco capataz, tem o seu corpo dominado e exposto na machamba (campo de cultivo), diante do seu próprio pai e dos demais trabalhadores subjugados ao trabalho escravo. E a permanente vida sem expectativas daquela mãe que tenta criar o seu filho às duras penas, nos labirintos da favela, encoberta pela miséria, pela violência social e econômica que assolam os seus sonhos e a sua vontade de viver.

O presente projeto viabilizaria, por meio da leitura literária, uma análise crítica sobre o processo histórico de invisibilidade dessas mulheres e, assim, contribuiria com uma reflexão sobre a condição atual da mulher na sociedade.



2. Contextualização

No decorrer das leituras propiciadas pelo curso de especialização em Literaturas de Língua Portuguesa foi possível verificar a integração de produções literárias em diferentes contextos, espaços e épocas, em que os países de língua portuguesa (Brasil, Moçambique e Portugal) esboçam uma gama de textos literários que revelam as situações sociais, políticas e culturais de cada um desses territórios e que implicam , segundo Cosson (2009) na " [...]troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados [...]" (p. 27).

O estudo da literatura em deslocamento pelos territórios brasileiro, moçambicano e português proporcionou compreender a importância do sentimento de pertencimento social e cultural de um povo, de uma sociedade que busca por meio de uma construção identitária experienciar sua própria história através da criação literária e tornar perceptível a literariedade e a literatura que compartilham os conflitos, os sofrimentos, as conquistas e os prazeres do ser humano.

A construção da identidade em territórios tão distintos como, por exemplo, o da personagem Rami, da obra *Niketche* (2004), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que representa a força da mulher e da sua luta pela igualdade, pelo respeito e por mais espaço na sociedade; o da protagonista Eva Lopo, do romance *A Costa dos Murmúrios* (2004) , da escritora portuguesa Lídia Jorge, cuja narrativa com características identitárias de olhar profundamente feminino reforça a incessante força para sobreviver em meio a tantos murmúrios da violência doméstica sofrida pelas mulheres de militares extremamente machistas; ou de Riobaldo e Diadorim na travessia do sertão brasileiro, em *Grande Sertão: Veredas* (2006), de João Guimarães Rosa; e tantas outras personagens que carregam em si a força e a capacidade de se reinventar, seja em sua própria terra ou em outros processos de deslocamento; reforça a importância do trabalho com a literatura na escola como um espaço de abertura para o conhecimento das condições humanas em diversas culturas, tempos e espaços.

Neste percurso de leituras de textos literários que expressam tantas diferenças culturais e diversas identidades, é evidente a importância de estudos comparatistas (NITRINI,



2010) em que o sujeito tenha consciência de seus *lôcus* enunciativos para não estabelecer uma relação de hierarquia, mas de diálogo com o estudo comparativo entre a produção literária dos países de língua portuguesa e permitir as relações culturais além das fronteiras e da hegemonia (ABDALA JÚNIOR, 2014). Por isso, considero fundamental propiciar aos alunos a leitura que não somente enriquece o saber sobre o mundo; mas que permite aprofundar o saber sobre si (JOUVE, 2013).

Diante da construção identitária da mulher em territórios distintos como Brasil, Portugal e Moçambique cabe então evidenciar aos alunos a importância para a reflexão do papel da mulher na sociedade por meio de uma análise da personagem Maria, do conto *Dina*, do moçambicano Luís Bernardo Honwana; e da mãe, tão marcada pela miséria no morro das periferias do Brasil, no conto *No Morro*, de João Anzanello Carraschoza.

A escolha desses contos de autoria masculina é proposital no sentido de analisar juntamente com os alunos a situação dessas personagens que não sendo protagonistas têm tanto a nos falar no decorrer dessas narrativas que esboçam problemas sociais tais como o racismo e a invisibilidade da mulher que ainda persistem em nosso meio.

Cabe então verificarmos que a autoria masculina retrata de alguma forma aquilo que está introjetado na sociedade quanto ao preconceito de gênero em que a mulher é vista como submissa à ordem machista. E essa questão se repete atualmente, seja na perspectiva religiosa, social, cultural, profissional, seja em outras áreas que definem o papel da mulher como a maternidade e as relações afetivas.

O projeto de oficina de leitura desses contos engaja-se no valor social da literatura que contribui para a construção da consciência identitária, e proporciona a inserção das literaturas africanas de língua portuguesa no contexto escolar estabelecendo uma dialogicidade entre as literaturas moçambicana e brasileira ao analisar as condições dessas personagens femininas que não podem ser apenas lidas e deixadas em seu espaço de silêncio tal qual Maria, na Machamba, e a mãe no morro.

A leitura desses contos é um momento profícuo para que os alunos possam tornar essas personagens protagonistas ao trazer à luz, dentre tantas situações sociais



problematizadas, as questões de gênero, e compreender por que essas mulheres se encontram em um profundo silenciamento em que uma outra voz fala por elas ao narrar suas dores. E no diálogo permanente entre o leitor e o texto, instigar o aluno a analisar como essas histórias podem ser contadas pelas próprias mulheres, sendo a voz feminina capaz de abrir caminhos para uma dialogicidade que rompe com a hegemonia de ser sempre o outro que fala por ela, que expressa angústias que ela própria pode dizer.

A aproximação entre moçambicanidade e brasilidade ocorre principalmente no uso da língua que fortalece as culturas. O fato de enriquecer os aspectos socioculturais com usos específicos e variados da língua portuguesa aproximam Brasil e Moçambique (NGOMANE, 2011). E nessa perspectiva de leituras de textos literários de países tão distintos e com culturas heterogêneas, é evidente que a produção africana de língua portuguesa estabeleça um elo entre africanos e brasileiros em seu contexto e em sua intencionalidade de denunciar as mazelas e a desigualdade de gênero, principalmente ao revelar as condições sociais e vulneráveis dessas mulheres tanto nas machambas moçambicanas como nos morros brasileiros.

3. Fundamentação teórico-metodológica

Segundo Cosson “o ato de ler ou a leitura física do texto é o encontro inalienável do leitor com a obra” (2014, p.168), por isso, a mediação de leitura de textos literários é essencial no processo de ensino aprendizagem de literatura na escola, já que oportuniza a socialização e a discussão de experiências leitoras dos alunos a partir de situações vividas ou presenciadas no dia a dia que dialogam com a leitura compartilhada em sala de aula. De acordo com Colomer “[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá as crianças a oportunidade de atravessá-la” (2007, p. 147).

Essa travessia propiciada pela leitura compartilhada dos contos *Dina*, de Honwana; e do conto *No Morro*, de Carrascoza, estabelece um círculo de leitura, atividade definida como “[...] uma estratégia de compartilhamento organizado de uma obra dentro de uma comunidade



de leitores que se constituiu com esse objetivo. Por isso, se não funcionar como um diálogo autêntico entre seus participantes, o círculo de leitura não tem sentido em ser assim constituído” (COSSON, 2014, p.174).

Dessa maneira, a proposta da oficina de leitura é intencional no sentido de construir uma ponte de diálogos sobre a condição da mulher durante o período colonial de Moçambique e nos nossos dias atuais no Brasil, bem como estabelecer a socialização das experiências cotidianas dos alunos em suas vivências com a personagem real feminina, seja em sua casa ou em sua comunidade. Nesse sentido “ler é um processo, uma aprendizagem sobre a construção do mundo, do outro e de nós mesmos em permanente devenir” (COSSON, 2014, p. 174).

Ao estabelecer essa relação entre o texto e o leitor, a escrita feminina de Paulina Chiziane, por exemplo, primeira mulher a lançar um romance em Moçambique, embora não se considere uma romancista, mas uma contadora de histórias tal qual sua avó, busca dar visibilidade à condição feminina em seu país, ao fazer uso do discurso em primeira pessoa, que permite a própria mulher expressar o que sente em uma sociedade regida pelo machismo, por isso ela afirma : “[...] em todos os meus livros falo de mulheres, e a razão é tão simples, eu estou sempre rodeada das minhas amigas, da minha família, minhas irmãs, minhas primas, então, o mundo que eu conheço, melhor, é o mundo das mulheres” (CHIZIANE, 2017).

A concepção de literatura como construção de sentidos do mundo em que vivemos é fundamental para o letramento literário, pois esse é mais do que simplesmente ensinar literatura através de interpretações prontas, é, na verdade:

[...] bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. (COSSON; SOUZA, 2011, p. 103).

Dessa forma, ao propor para os alunos a leitura e a indagação sobre a situação da mulher na figura da personagem Maria, do conto *Dina*, que é vista naquela machamba apenas como um objeto sexual do homem branco; e da mãe, do conto *No Morro*, sem qualquer expectativa de vida naquele barraco construído no mais alto do morro; constitui-se um

78



momento importante de conversa com o texto literário que durante a leitura “[...] se estabelece um pacto inconsciente entre o texto e o leitor” (MACHADO, 2011, p. 19).

As histórias dessas mulheres que não revidam a violência que sofrem ao longo das narrativas precisam ser lidas e analisadas para que os alunos reflitam como é urgente e necessário retirá-las dessa invisibilidade social que ainda persiste em nossa sociedade que as oprime e as silencia por meio da repressão, da dominação e do ódio. Por isso Conceição Evaristo busca a definição de uma identidade feminina que luta para estar no mundo no feminino ao estabelecer sua escrita baseada na *escrevivência*, que segundo a escritora é “[...] fundamentada nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande [...] A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia” (EVARISTO, 2020).

Ao conceber a mulher como sujeito do seu próprio discurso por meio da autodefinição numa sociedade marcada pelo racismo é possível promover a reflexão de que ela “não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade. É um ser social, criativo e inovador” (TELES, 2003, p. 10). Dessa maneira, abordar a condição feminina é fazer com que se compreenda a submissão e a opressão por parte da ideologia machista e patriarcal que nega a mulher e a exclui em diferentes sociedades de uma forma brutal. É também incomodar-se e indignar-se com a ideia de que sua condição é apenas ser mãe e ser porcentagem na população.

E, por entender, a partir da reflexão do texto literário, a importância da mulher e de sua luta contra o racismo estrutural e o apagamento de sua trajetória de resistência é que segundo Lajolo (apud REYES: 2012, p.9) “[...] literatura não se faz com boas intenções, não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem.”

A partir dessa linguagem perpetrada pela humanização do texto literário, que conforme cita Cândido “dá forma aos sentimentos e à visão do mundo [...] nos agoniza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (2004, p. 186) e promove a sensibilização e a



reflexão sobre a cultura e a sociedade, é que se pode avaliar que tanto Honwana como Carrascoza, “[...] ao escrever literatura, não produz ficção, apenas. Trata-se de relevantes reflexões e problematizações sobre a história, a política e a cultura de seus –hoje –países” (CONCEIÇÃO, 2018, p. 298).

Diante dessas problematizações históricas e culturais, por exemplo, cabe então refletir sobre como a questão de gênero ainda interfere na visão social acerca da mulher, e como é preocupante a invisibilidade que se dá às questões de preconceito contra tantas mulheres que por tanto tempo estiveram silenciadas, como a personagem Maria, que ao surgir na machamba em horário do dia (almoço) para saciar os desejos do capataz, encaixa-se numa analogia feita por Grada Kilomba:

[...] entre a máscara que as pessoas escravizadas eram obrigadas a usar cobrindo a boca e a afirmação do projeto colonial de impor silêncio, um silêncio visto como negação de humanidade e de existir como sujeito [...] a máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento colonial que se tornou parte de um projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. (KILOMBA apud RIBEIRO, 2018, p. 18)

Essa reflexão, durante a leitura dos textos literários, sobre o silenciamento de Maria e da mãe do morro que é executado pela máscara alçó do racismo e do patriarcado estrutural “oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural” (COLOMER, 2007, p. 31) e mostra a relevância da literatura,

[...] sendo uma arte- e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem-, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mas ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso. (MACHADO, 2011, p. 19).

Ao tornar perceptível os aspectos da realidade após a leitura das personagens que se configuram em tempo e espaço distintos é possível então que os alunos compreendam que “ainda que sejam caladas e silenciadas, vozes se insurgem” (RIBEIRO, 2018, p. 18) diante da

80



consciência de que “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2015, p. 48).

É neste compartilhar de experiências a partir da leitura, da discussão e do aprofundamento das vivências dessas mulheres, tanto em Moçambique como no Brasil, como também a partir do contato com as personagens femininas dos contos, marcadas pela desumanização de seus corpos e de sua condição social de viver que:

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31).

Sendo assim, a leitura dos textos literários propostos para a oficina literária *Na machamba e no morro, a perspectiva da mulher em diferentes territórios*, constitui-se de “oportunidades de enriquecimento e de abertura de horizontes que a literatura pode trazer” (MACHADO, 2011, p. 25) por meio da reflexão sobre o autoritarismo machista e racista; e sobre a violência social que assola as personagens por sua condição feminina. E, portanto, perceber que a vivência sofrida dessas personagens transcende o tempo e o espaço quando ainda é possível notar a realidade violenta que anula a humanidade feminina no cenário moçambicano quando, por exemplo, a personagem Serafina diz à filha:

- Vida de negra é servir, minha Delfina. Nos campos de arroz. Nas sementeiras e colheita de algodão para ganhar um quilo de açúcar ao mês ou uma barra de sabão que não cabe na palma da mão. Uma negra é força para servir em todos os sentidos. Foi uma grande sorte teres nascido bela, senão estarias a penar sob o sol abrasador, onde sanguessugas invisíveis provocam doenças e mortes nos pântanos. Tens sorte, tu serves na cama, tens mais rendimento. Por que deitas fora a tua sorte? (CHIZIANE, 2010, p.104-105).

Daí abrem-se horizontes para os alunos poderem refletir a condição social da mulher atualmente, e principalmente a busca constante para manter sua dignidade humana em países como Moçambique e Brasil que ainda exprimem tanto preconceito e violência.



4. Apresentação e constituição do objeto de pesquisa: Desafio de ensino-aprendizagem, mediação e compartilhamento de experiências de leitura literária

A mediação de leitura dos contos *Dina* e *No Morro* será desenvolvida na oficina *Na machamba e no morro, a perspectiva da mulher em diferentes territórios*, com duas turmas do 9º ano do ensino fundamental³. No período de um mês, duas aulas semanais de língua portuguesa serão destinadas à leitura, discussão, análise e aprofundamento dos textos literários propostos aos estudantes. Com o intuito de promover a leitura e o acesso aos textos literários em sala de aula, os objetivos gerais do projeto constituem-se em desencadear ações de leitura para o aluno compreender a intencionalidade de crítica social nos contos abordados; construir um intercâmbio na construção de significados dos textos; ampliar o repertório cultural ao vivenciar a leitura literária; compartilhar experiências a partir da discussão dos textos e ampliar a oportunidade de desenvolvimento do comportamento leitor.

Na primeira semana serão apresentados os contos aos alunos, contextualizando seus autores e as condições históricas que norteiam as narrativas. No caso do conto *Dina*, a denúncia social que Luís Bernardo Honwana traz à tona nos campos de cultivo de Moçambique durante a colonização portuguesa, ao configurar a personagem, que na condição de mulher negra é subordinada à humilhação e à subjugação dos olhares e das atitudes machistas que a colocam numa situação de extrema vulnerabilidade quando “todos os homens do acampamento olhavam para a Maria, percorrendo-lhe as formas por sobre a capulana” (HONWANA, 2017, p. 65). Ou quando o branco capataz trata Maria como uma mulher que está ali para oferecer seu corpo ao ser questionada de sua presença para seduzir os homens da machamba. E numa situação mais humilhante quando seu pai presencia o capataz lançando para sua filha uma moeda de prata por ter se deitado com o branco colonizador nas plantações da machamba.

Também no conto *No Morro*, Carrascoza descortina a situação de uma mãe, que como tantas, vive nos morros das metrópoles entregue à violência e à falta de perspectivas de dias melhores quando, “[...] em desespero, tinha desejos de se atirar à frente dos ônibus [...], mas um

³ Ver o apêndice.



fiapo de sonho a impedia[...]” (CARRASCOZA, 2015, p. 15). Era o filho a única razão da existência daquela mãe, penalizada por ser mulher e por viver à margem de uma vida digna que já está traçada pelo sofrimento e pela perda do seu menino, único elo que segurava a sua existência abandonada no morro sem qualquer oferta de dias melhores para amenizar a dor da fome, da pobreza e do abandono social.

A segunda aula terá início com a leitura compartilhada do conto *Dina* que proporcionará momentos de interação por meio de comentários sobre o texto e com intervenções dos alunos. O convite à finalização da leitura do conto para a semana seguinte será propício para o leitor também refletir o texto além da sala de aula.

Na segunda semana será proposta uma roda de conversa para fomentar a interação dos alunos ao apresentarem suas impressões sobre a condição da personagem Maria que sendo mulher negra é obrigada a negar sua dignidade na machamba moçambicana. Neste momento é possível provocar os alunos a exporem sua opinião sobre essa realidade imposta pelo racismo e pelo patriarcado.

Na semana subsequente, a leitura do conto *No Morro* será feita integralmente na sala de aula, bem como a análise da condição de uma mãe que não tem um nome próprio e tampouco uma dignidade que é negada pelo desemprego, pela fome e pelo esquecimento no barraco do morro entrelaçado pela miséria e pela violência que assola tantos sonhos como o do seu filho, único fio de esperança que lhe foi arrancado pelos estampidos das balas perdidas que sempre encontram aqueles cujo destino é demarcado pelo tempo curto de vida. A partir dessa análise, os alunos poderão confrontar os dois textos e verificarem o quanto Maria e a mãe estão vulneráveis em tempo e espaços distintos.

Durante o desencadeamento das leituras é possível elencar os objetivos específicos do projeto, tais como possibilitar a reflexão sobre a diversidade das narrativas das personagens protagonistas femininas nos contos abordados; relacionar as condições sociais e históricas que constituíram os textos; analisar a condição da mulher no contexto do período colonial moçambicano e na realidade social do Brasil, na condição flagelada das periferias; promover o contato do aluno com a diversidade humana ao verificar as condições de vida impostas às



personagens femininas dos contos e compreender a intencionalidade de crítica social nos textos abordados.

Na última semana os alunos deverão estabelecer um diálogo entre os textos e a expectativa da mulher no cenário atual, mediante sua protagonização de luta contra a violência que nega a condição feminina e fere sua dignidade em tantas situações que comprometem sua integridade física, psicológica e moral. Este olhar deverá ser feito para as suas próprias vivências na escola e na comunidade. E como uma forma de externalizar todas as discussões que desencadearão ao longo da mediação de leitura, os estudantes finalizarão o projeto com uma exposição de pinturas em tela sobre a representatividade da mulher em sua trajetória de vida, estabelecendo sua importância e o seu valor social.

Ao relacionar o valor da mulher em sua trajetória e estabelecer vínculos com a representatividade feminina, os alunos terão a plena liberdade de protagonizar a mulher que pode ser sua mãe, avó, irmã, amiga, vizinha, personagem de uma história etc. As telas deverão ser entregues na semana seguinte para serem expostas no rol da sala de leitura. A exposição configurará um espaço de leitura aberto para todos os alunos da unidade escolar, que ao adentrar semanalmente na sala de leitura, terão a oportunidade de ler e ouvir tantas mensagens e tantas vozes expressas nas imagens que dialogam com a realidade de cada aluno que a representou. É uma oportunidade que os alunos participantes do projeto terão de integrar e compartilhar o seu aprendizado com as demais turmas da escola, tornando-os protagonistas no processo de construir e expandir conhecimento por intermédio da leitura literária.

5. Análise, discussão e resultados esperados

A proposta de trabalho de oficina de leitura de um conto africano e outro brasileiro com enfoque nas personagens femininas, bem como a analogia de suas realidades em territórios diferentes, pretende traçar comparações entre os textos literários de produção africana e brasileira e compreender o motivo do destino dessas mulheres imposto pela sociedade, seja na machamba moçambicana no período colonial, ou nas periferias do Brasil



atual cuja desigualdade, preconceito e machismo ainda estão enraizados.

Os contos de Honwana e de Carrascoza são pertinentes para essa proposta de leitura ao estabelecerem um vínculo com as literaturas de língua portuguesa que retratam as condições sociais que negam a subalternidade de mulheres como Maria, tratada como objeto de prazer do homem branco que a qualquer hora do dia e em qualquer espaço dominava seu corpo:

Na confusão verde do fundo da machamba, Maria não viu o capataz imediatamente. Esbracejou com aflição, tentando libertar as pernas. Um braço rodeou-lhe os ombros duramente. O bafo quente e ácido do homem aproximou-se da sua face. A capulana da Maria desprendeu-se durante a breve luta e a sensação fria de água tornou-se-lhe mais vívida. Um arrepio fê-la contrair-se. Sentiu nas coxas nuas a carícia morna e áspera dos dedos calosos do homem. (HONWANA, 2017, p. 70).

O fato de estar num campo de cultivo e diante de tantos trabalhadores, inclusive de seu pai; e como chegou até ali para servir ao capataz, revela a condição submissa da personagem por ser mulher. A situação vexatória de Madala, ao ver a filha sendo objeto de um homem na frente de tantos outros, expressa a dor e o silenciamento de uma condição imposta pelo racismo e pelo machismo quando

Madala olhou em volta. Ninguém o olhava diretamente, mas todos os homens do acampamento se tinham disposto pelas sombras de modo a poderem vigiá-lo.
[...]
O silêncio tornou-se opressivo. [...]
Uma a uma, Madala esmagou as folhinhas da robusta planta imaginária que tinha na mão. Escapou-se-lhe uma espécie de soluço, quando lhe ocorreu que os fios da sua doença lhe tinham minado os órgãos de tal maneira que não lhe sobraram forças para desenterrar uma planta que se agarrasse à terra um pouco mais solidamente do que as que arrancavam na machamba. (HONWANA, 2017, p. 71).

O silêncio e a dor de Madala ao presenciar a humilhação de sua filha em público ao ter seu corpo dominado pelo capataz reflete uma soma de subjugação, inferiorização e violência profunda contra Maria, que tem sua dignidade usurpada pela força do machismo, do racismo e do domínio colonial.

Madala ao arrancar uma planta imaginária com os dedos esmaga sua ira com uma dor

85



silenciosa porque nada pode fazer para livrar Maria de tamanha humilhação.

Da mesma maneira e em outro espaço, no morro da periferia brasileira, vive uma mulher, identificada apenas como mãe que também sofre a violência social e a subjugação do desemprego, da falta de oportunidades e de expectativas para ela e para o filho. A mãe que como Maria vivia silenciosamente diante de tantos conflitos impostos à sua condição social que não lhe dava a menor condição de oferecer algo ao seu filho “[...] senão a sua muda resignação, a comida que nem sempre conseguia comprar com os caraminguás das esmolos, a vida sem esperança”. (CARRASCOZA, 2015, p. 15).

Assim como Madala enxergava em Maria a sua única motivação de vida que se viu esmiuçar mediante à entrega de seu corpo ao branco capataz naquela machamba, a mãe mantinha sua existência na fragilidade do seu menino que tão repleto de sonhos e de pureza da infância foi brutalmente alvejado por uma bala que atinge tantos inocentes nos morros e desfaz tantas vidas.

A análise da condição de Maria na machamba moçambicana e da mãe no morro pressupõe um entendimento da condição humana denunciada pelos textos que literariamente esboçam situações que ainda perduram em nossa sociedade, tais como a violência contra a mulher e sua constante luta contra o negacionismo da condição feminina na sociedade.

Ao refletir a perspectiva da mulher atualmente e o quanto se conquistou no espaço social e o que ainda precisa ser garantido, o projeto almeja que os alunos encontrem soluções para a igualdade de gênero e a garantia da equidade que estabelece direitos às mulheres refletindo sua importância e o seu valor social.

A proposta de compartilhamento de leitura desses textos em sala de aula visa à prática da empatia e do diálogo, “[...] tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso[...].” (BRASIL, 2018, p. 139).

Quando os textos literários estabelecem diálogos de resistência sobre a condição feminina por meio das personagens que sofrem violência social, física e psicológica e dá voz a



elas em uma narrativa em que a mulher constrói sua identidade em meio a tantas adversidades, o leitor pode verificar a história de ressignificação da mulher na sociedade brasileira, moçambicana ou em qualquer outro espaço, então temos uma oportunidade de aprofundar na leitura desses contos a importância da mulher falar e reagir à opressão, e o quanto sua luta por igualdade e por direitos é fundamental. Assim, “você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções” (EVARISTO, 2020). A literatura neste caso repara injustiças ao tornar a mulher sujeito do seu próprio discurso.

Por fim, ao estabelecer a leitura literária como prática social em sala de aula, a oficina de leitura compartilhada pretende que os alunos se posicionem criticamente em relação às situações pelas quais passam as personagens femininas e consigam “inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção” (BRASIL, 2018, p. 157).

Tendo em vista a análise crítica dos textos literários apreciados, o resultado que se pretende alcançar é permitir aos estudantes compreender a relevância desses textos como instrumento de denúncia social mediante a um silenciamento que não pode ser mais mascarado pela humilhação da mulher seja na machamba, no morro ou em qualquer espaço social.

6. Considerações Finais

O processo de ensino de literatura na escola por meio da leitura literária é essencial para a construção e a significação do texto literário na concepção de cada leitor. A socialização dos textos em sala de aula propicia um diálogo permanente entre a história e as vivências sociais de cada estudante. O projeto de oficina de leitura *na machamba e no morro, a perspectiva da mulher em diferentes territórios* favorece aos alunos uma busca por pertencimento dentro de cada texto lido e propicia por meio da palavra a experiência de

87



ressignificar cada história lida ao estabelecer um sentido com a realidade de cada leitor.

As etapas de execução do projeto por intermédio da mediação de leitura dos contos *Dina* e *No Morro* buscam promover a constante interação do aluno com esses textos, que trazem à tona as difíceis condições sociais da mulher em territórios como Moçambique e Brasil. Ao compreenderem a intencionalidade de crítica e de denúncia social por meio da palavra, e observarem nas personagens suas condições de vida em sociedade e como são tratadas por serem mulheres, os alunos se tornarão protagonistas no processo de construção de conhecimento por meio da leitura literária.

O projeto, portanto, almeja potencializar o letramento literário ao estabelecer um vínculo entre o texto e o leitor por intermédio da leitura compartilhada dos contos e da interação de vivências cotidianas dos alunos sobre a condição da mulher de acordo com a sua realidade social.

7. Referências

ABDALA JR., Benjamin. *A literatura, a política e o comunitarismo supranacional*. Guavira Letras, n.18, jan-jul. 2014. Disponível

em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/18/5>. Acesso em 22/08/2021. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRASIL. *Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 20/08/2021.

BRASIL. *Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 20/08/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 18/09/2021.

CARRASCOZA, João Anzanello. No morro. In: ANACOANA, Paula (Org.). *Eu sou favela*. São Paulo: Editora Nós, 2015, pp. 10-18.



CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. 2. ed. Maputo: Ndjara, 2010.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

CONCEIÇÃO, Vércia Lúcia. *A escrita anticolonialista de Luís Bernardo Honwana*. Fólio- Revista de Letras. Vitória da Conquista, v.10, n.2, 297- 312, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4476/3777>. Acesso em 24/06/2021.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009. COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. *Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula*. Acervo Digital UNESP, 102-107, 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143>. Acesso em 27/06/2021.

FORTUNA, Cláudio; NGOMANE, Nataniel. *Não sou lusófono, porque a minha matriz fundamental é bantu*. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 7, 2011, pp. 151-164. Disponível

em: <https://journals.openedition.org/ras/1236>. Acesso em 22/08/2021. HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão tinoso*. São Paulo: Kapulana, 2017. JORGE, Lídia. *A costa dos murmúrios*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOUVE, Vincent. *A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

KUTTER, Cíntia. *Entrevista com a escritora Paulina Chiziane*. *Revista Diadorim*, n. 19, 2017, pp. 53- 62. Disponível em: [\(PDF\) Entrevista com a escritora Paulina Chiziane \(researchgate.net\)](#). Acesso em 21/11/2021.

MACHADO, Ana Maria Machado. *Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. (Acadêmica; 16).

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. RIBEIRO, Djamilá. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, João Guimarães Rosa. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.



SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. *Conceição Evaristo- “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”*. Itaú Social, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>. Acesso em 17/11/2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1



APÊNDICE

Oficina de leitura: Na machamba e no morro, a perspectiva da mulher em diferentes Territórios
<p>1. Introdução</p> <p>A mediação de leitura de textos literários em sala de aula configura um fator preponderante para propiciar aos estudantes a oportunidade de socializar e discutir a experiência leitora dos alunos por intermédio das diversas manifestações interpretativas do texto.</p>
<p>2. Objetivos</p> <p>2.1 Gerais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a intencionalidade de crítica social nos contos abordados; • Construir um intercâmbio na construção de significados dos textos; • Ouvir, ler e discutir criticamente os textos literários • Ampliar o repertório cultural durante a construção de significados dos textos. • Compartilhar experiências a partir da discussão dos textos;
<p>2.2 Específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a diversidade das narrativas das personagens protagonistas femininas nos contos abordados; • Relacionar as condições sociais e históricas que constituíram os textos; • Analisar a condição da mulher no contexto do período colonial moçambicano e na realidade social brasileira; • Promover o contato do aluno com a diversidade humana; • Verificar as condições de vida impostas às personagens femininas dos contos; • Compreender a intencionalidade de crítica social nos textos abordados.
<p>3. Justificativa</p> <p>O projeto de leitura compartilhada dos contos <i>Dina</i>, do moçambicano Luís Bernardo Honwana e <i>No Morro</i>, do brasileiro João Anzanello Carrascoza ancora-se no pressuposto de fomentar o estudo da literatura africana em língua portuguesa e da realidade social brasileira e propõe uma análise reflexiva sobre a condição da mulher em territórios e tempos distintos que se entrelaçam na luta pela dignidade e por equidade em sociedades permanentemente racistas e machistas.</p>
<p>4. Procedimento Metodológico</p> <p>A oficina de leitura dos contos será desenvolvida com duas turmas de 9º ano do ensino fundamental, durante um mês e no período de 90 minutos semanais nas aulas de língua portuguesa. As oito aulas destinadas para cada turma serão devidamente organizadas para apresentar as obras e contextualizá-las, para leitura, análise e reflexão dos textos com discussões que reverberam o protagonismo dos alunos mediante sua compreensão leitora. Ao finalizar o processo de leitura, discussão e análise com foco nas personagens femininas, os alunos produzirão uma pintura em tela, da mulher que fez ou faz parte de sua trajetória de vida, estabelecendo vínculos com a representatividade feminina.</p>

